

| 580 | ENTRE A PROXIMIDADE E A DISTÂNCIA, A SOCIABILIDADE E A IMPESSOALIDADE NA VIVÊNCIA DO URBANO

Clara Natália Steigleder Walter

Resumo

As relações sociais que se estabelecem na vivência do urbano suscitam a construção de diferentes representações sobre o que é a cidade, sobre seus espaços concretos e sociais. Por isso, são várias as possibilidades de registros para o estudo das cidades e das experiências dos indivíduos entre si e com o espaço urbano. As transformações que ocorrem nas metrópoles afetam diversas dimensões do social, entre elas, as relações de sociabilidade e o desenvolvimento da impessoalidade, marcada pelas atitudes de reserva que os indivíduos passam a ter uns com os outros. Estas dimensões são discutidas principalmente a partir das contribuições de Georg Simmel em sua análise sobre as grandes cidades, e de autores contemporâneos, especialmente Richard Sennet que trata do indivíduo e as mudanças nas esferas públicas e privadas. Entende-se que apesar da transformação secular pela qual a metrópole passou, uma leitura atualizada destes conceitos, aliada a novas formulações sobre o indivíduo e transformações das relações sociais que se estabelecem no meio urbano, podem contribuir muito com o desenvolvimento do pensamento urbanístico e para a compreensão do que seria “o espírito da metrópole” nos dias atuais.

Palavras-chave: Espaço urbano, metrópole, sociabilidade, impessoalidade

1. Introdução

Cloé, uma das cidades invisíveis imaginadas por Ítalo Calvino, é um lugar onde *as pessoas que passam pelas ruas não se reconhecem. Quando se vêem, imaginam mil coisas a respeito umas das outras, os encontros que poderiam ocorrer entre elas, as conversas, as surpresas, as carícias, as mordidas* (CALVINO, 1998, p. 51). Ao descrever Cloé, o autor resgata um tema recorrente na literatura sobre cidades, que é o da experiência urbana. A vivência nas grandes cidades faz com o indivíduo experimente ao mesmo tempo um sentimento de liberdade, uma vez que o anonimato, na mistura com a multidão, liberta, e um sentimento de solidão. Essa ambiguidade, existente somente nas grandes cidades, possibilita que as diferentes interações que ocorrem entre seus habitantes e destes com o espaço sejam aguçadas pela imaginação.

Os habitantes de Cloé não reconhecem uns aos outros, se relacionam entre si num plano não concreto, suas relações ocorrem a partir da imaginação, que lhes indica, entre outras coisas, quem é quem, o que está fazendo, o que pensa, que tipo de relação poderia existir se houvesse um encontro. Pensar sobre as cidades e suas intrincadas teias de relações requer um processo de abstração semelhante ao que os habitantes de Cloé realizam, indo além dos que os aspectos formais da cidade estão informando, do que os dados estão demonstrando, do que se apresenta fácil ao olhar do observador. A investigação sobre o

urbano requer, assim, observar como a cidade praticada se insinua no texto ou no conceito da cidade planejada e visível (CERTAU, 1994).

As transformações que passam a ocorrer nas cidades, principalmente a partir do séc. XIX, além de afetar de diversas formas as relações entre os indivíduos e destes com o espaço, suscitaram a construção de diferentes representações sobre o que é a cidade, sobre seus espaços concretos e sociais. São novos problemas, novos conflitos sociais e espaciais, novas configurações sociais que passam a fazer parte do cotidiano dos habitantes dessas cidades.

Este artigo discute duas dimensões do social que se revelaram importantes na compreensão da vivência urbana desde o final do séc. XIX: as relações de sociabilidade e o desenvolvimento da impessoalidade marcada pelas atitudes de reserva que os indivíduos passam a ter uns com os outros. Estas dimensões são discutidas principalmente a partir das contribuições de Georg Simmel em sua análise sobre as grandes cidades, depois é apresentada a perspectiva de autores contemporâneos, especialmente Richard Sennet que trata do indivíduo e as mudanças nas esferas públicas e privadas.

As cidades e a maneira como as pessoas vivenciam seus espaços continuam se transformando, algumas muito rapidamente. Entende-se que apesar da transformação secular pela qual a metrópole passou, uma leitura atualizada destes conceitos, aliada a novas formulações sobre o indivíduo e transformações das relações sociais que se estabelecem no meio urbano, podem contribuir muito com o desenvolvimento do pensamento urbanístico e para a compreensão do que seria “o espírito da metrópole” nos dias atuais.

2. A cidade como objeto sociológico

A cidade e as relações sociais que nela ocorrem passam a ser objeto de estudo a partir do século XIX, quando se impõem novas questões e novos problemas decorrentes da Revolução Industrial. É na cidade, no espaço urbano que começa a ser constituído, que os problemas sociais se tornam mais prementes. As novas formas de produção transformaram o trabalho e implicaram novos padrões de relações sociais, transformando tudo a seu redor, inclusive o espaço construído das cidades. A exploração do trabalho e as péssimas condições de vida da classe trabalhadora, juntamente com a enorme migração de homens e mulheres à cidade em busca de trabalho, passam a constituir novos problemas e a requererem novas soluções. É uma nova configuração social e espacial que transforma, inclusive, a forma como as pessoas vivenciam o espaço urbano.

Diversos autores se debruçaram sobre o estudo das cidades e seus problemas. Entre os teóricos da Sociologia clássica, destacam-se Marx, Engels, Weber, Simmel e outros, que com seus estudos contribuíram para a origem do que mais adiante se denominou Sociologia Urbana. Weber (1976), por exemplo, criou uma tipologia das cidades da mesma forma que fez com as relações de dominação. Para ele, as modernas metrópoles passam a ser ao mesmo tempo sede de governo, cidade produtora e consumidora, cidade portuária e também sede do dinheiro, do capital financeiro, ou seja, são como a moldura de um quadro no qual os diversos elementos do sistema capitalista estão dispostos: o dinheiro, o capital, o modo capitalista de produção, a mercadoria.

No início do século passado, Georg Simmel (1976) debruçou-se sobre a cidade grande e moderna como o lugar onde passa a imperar a racionalidade capitalista ou, para usar um termo cunhado por Habermas (1989) anos mais tarde, onde a racionalidade do mundo sistêmico se contrapõe à racionalidade do mundo da vida, em muitos casos, colonizando o espaço público. Segundo Habermas, na sociedade capitalista, duas formas de racionalidade da ordem social imperam nesse espaço: uma estratégica relacionada às funções econômicas e políticas e necessária à manutenção da vida e sua reprodução e, outra, comunicativa, onde o entendimento intersubjetivo se daria pela mediação lingüística acerca dos fatos, normas sociais e vivências subjetivas.

Sem dúvida, nas sociedades modernas, a racionalidade estratégica transformou dimensões do fazer cotidiano, como o andar na rua, por exemplo, em um movimento que passa a ser vivenciado num “ambiente construído” despojado de forma estética. Muitos dos espaços nos quais o mundo da vida poderia desenvolver-se, nos quais os encontros e as trocas poderiam ser mais espontâneos se transformaram, na cidade moderna em espaços de passagem, onde a pressa e a impessoalidade definem o ritmo de seus habitantes. Sobre isso, Giddens vai afirmar que, com o desenvolvimento das cidades, houve um processo de mercantilização das mesmas, a partir do século XIX, que estabeleceu um tipo de organização societária que primou pelo esvaziamento do conteúdo humano. Nesse sentido, Giddens destaca a contribuição de Lefebvre, quando este afirma que a partir do desenvolvimento do capitalismo ocorreu a predominância da “prosa do mundo”, dada pela primazia do poder econômico, do instrumental e do técnico, envolvendo tudo e todos (GIDDENS, 1984).

Em *A revolução Urbana* (1999), Lefebvre ao tratar da colonização do espaço urbano, reforça essa dimensão quando analisa como a rua, local significativo da comunicação entre as pessoas, converteu-se em local privilegiado do consumo. O tempo do andar para os pedestres passa a ser o “tempo-mercadoria”, transformando as relações sociais que ali se

estabelecem em relações de compra e venda, submetendo a rua ao mesmo sistema das relações de trabalho, do rendimento e do lucro.

É assim que se pode falar de uma colonização do espaço urbano, que se efetua na rua pela imagem, pela publicidade, pelo espetáculo dos objetos: pelo “sistema dos objetos” tornados símbolos e espetáculo. A uniformização do cenário, visível na modernização das ruas antigas, reserva aos objetos (mercadorias) os efeitos das cores e formas que os tornam atraentes (LEFEBVRE, 1999, p. 31).

Em função do “tempo-mercadoria” e da velocidade com que ocorrem as mudanças nas grandes cidades, o geógrafo Lobato Correa (2004) define o espaço urbano como aquele em que, diferentemente do meio rural, estão sempre ocorrendo mudanças significativas do ponto de vista econômico, social e histórico. E, em função da velocidade das mudanças, é um espaço ao mesmo tempo fragmentado e articulado, no qual as diversas partes que o compõem estabelecem relações espaciais que se manifestam empiricamente através do movimento de pessoas e mercadorias, constituindo-se em relações sociais, ou seja, reflexos da sociedade que se expressam espacialmente.

Por ser reflexo social e fragmentado, o espaço urbano das cidades capitalistas é profundamente desigual e, também, mutável. Isto é uma característica que não acontecia da mesma forma nas cidades pré-capitalistas nas quais a mobilidade social era muito menor. O capital nas cidades capitalistas não tem limites em seu poder de expansão e desenvolvimento, uma vez que,

não há mais muralhas, ao contrário da cidade antiga, a metrópole contemporânea se estende ao infinito, não circunscreve nada senão sua potência devoradora de expansão e circulação. Ao contrário da cidade antiga, fechada e vigiada para defender-se de inimigos internos e externos, a cidade contemporânea se caracteriza pela velocidade da circulação. São fluxos de mercadorias, pessoas e capital em ritmo cada vez mais acelerado, rompendo barreiras, subjugando territórios (ROLNIK, 1995, p. 10).

Como forma de captar, interpretar, analisar a cidade com estas características de expansão e desenvolvimento, e com os inúmeros conflitos espaciais, sociais, econômicos, políticos decorrentes desse desenvolvimento, Lefebvre vai dizer que o estudo de uma cidade implica em conseguir situar as discontinuidades em relação às continuidades e vice-versa, uma vez que *a sociedade urbana só pode ser concebida ao final de um processo no qual explodem as antigas formas urbanas, herdadas de transformações descontínuas* (LEFEBVRE, 1999, p.15). Por isso, a importância de analisar cada sociedade e as relações sociais que nela se estabelecem em relação a essa sociedade e somente a ela, não estabelecendo comparações entre sociedades. Embora existam características gerais que, de alguma forma, estabelecem alguns

parâmetros de análise que acabam definindo certos tipos de cidades, cada uma tem em sua história e desenvolvimento urbano características próprias, contradições e conflitos, "continuidades e descontinuidades" que a fazem única.

Nas grandes cidades, todas as dimensões que permeiam a vida de seus habitantes, toda a produção material e social da vida se complexifica, desde as relações de troca, de trabalho, de vizinhança, de afetividades, de construção dos saberes, passando pelas relações familiares, chegando a transformar também a própria construção da individualidade. Por isso, investigar essa complexidade que se transformou o espaço urbano requer compreendê-lo como uma *realidade global (ou se se quer assim falar: total) implicando o conjunto de práticas sociais* (LEFEBVRE, 1999, p. 53). O estudo das cidades envolve, assim, a compreensão das mudanças pelas quais elas passam e como essas mudanças afetam seus habitantes, como elas transformam dimensões da vida social, muitas vezes despercebidas, mas que aos poucos vão conformando novas formas de relacionamentos e, numa relação dialética entre indivíduo e espaço concreto, conformando novos espaços de sociabilidade.

A descrição da cidade de Cloé reforça a ideia do quanto são complexas as relações entre os habitantes das cidades grandes e destes com o espaço construído, como relações sociais e forma estão totalmente imbricadas, uma fazendo parte da outra e, ao mesmo tempo, sendo definida e redefinida pela outra. Nesse sentido, é importante destacar a visão urbanística desse processo de abstração quando o espaço, concreto, e a subjetividade, são apresentados como dimensões conjuntas da cidade. Assim,

na leitura urbanística, é necessário não só perceber a forma, entender seu conteúdo, como associar e desvendar as formas de pensamento que estão por trás de suas representações, (...) é preciso ver forma, conteúdo e pensamento no texto da cidade (SOUZA, 2008, p. 109).

3. Sociabilidade e impessoalidade no meio urbano

Nas metrópoles, os habitantes têm a oportunidade de se aproximarem mais, uma vez que tudo, a princípio, se torna mais acessível, os meios de comunicação são mais rápidos e diversificados pela tecnologia, os meios de transportes existem em maior quantidade, enfim, existe uma série de facilidades próximas de seus habitantes que contribui para que a comunicação entre eles seja mais intensa. Entretanto, as relações sociais que se constituem parecem apresentar laços muito frágeis, denotando um tipo de sociabilidade em determinados contextos espaciais da cidade moderna, relacionado ao que Bresciani (2008) sugere ser uma rígida divisão do tempo imposta pelas atividades do cidadão, onde questões

como pontualidade e fragmentação estão relacionadas com esquemas mais amplos de organização do trabalho e do lazer.

As vias de comunicação e os diversos sistemas de serviços urbanos são constantemente contrapostos a percepções parciais, cidades fragmentadas, labirínticas, 'macias' e moldáveis, onde reina o individualismo irrestrito, a solidão e as relações passageiras, as constantes modificações físicas e visíveis, cidades plásticas, sem durabilidade (BRESCIANI, 2008, p. 13).

Em *A metrópole e a vida mental*, Georg Simmel capta a vida da moderna cidade Berlim no final do sec.XIX e as transformações psíquicas pelas quais passam seus habitantes, contrapondo a vida mental na cidade grande com a vida mental na cidade pequena. Simmel não está em busca de uma interpretação da cidade com o objetivo de desenvolver uma visão analítica da mesma nem da sociedade, mas sim, parte de uma perspectiva de análise mais abstrata para construir interpretações que se aproximam do que seriam fragmentos sobre a vida dos indivíduos, sua individualidade, os estímulos que passam a existir na cidade grande e as interações sociais.

A base psicológica do tipo metropolitano de individualidade consiste na intensificação dos estímulos nervosos, que resulta da alteração brusca e ininterrupta entre estímulos exteriores e interiores. O homem é uma criatura que procede a diferenciações. Sua mente é estimulada pela diferença entre a impressão de um dado momento e a que a precedeu (SIMMEL, 1976, p.12).

A vida na metrópole contrasta profundamente com a vida rural justamente pela forma como os estímulos se apresentam para o indivíduo. O elemento central na análise de Simmel é a figura do cidadão, que é diferente do cidadão, uma vez que não necessariamente conhece e exerce seus direitos, e é diferente do transeunte. O cidadão se aproxima muito da figura do *flâneur*, que numa relação amorosa com a cidade, *ocupa espaços urbanos, desloca-se por seus diversos territórios e estabelece relações de proximidade e distância com outros cidadãos, em contextos específicos e situados* (FRÚGOLI, 2007, p.7). As discontinuidades presentes nas imagens captadas pelos que andam pela metrópole, juntamente com o ritmo e a velocidade da vida moderna provoca um tipo de experiência totalmente desnorteadora. Essa experiência que no campo é mais duradoura e contínua, demanda do homem da metrópole uma intelectualidade maior, nas palavras de Simmel, *extrai do homem, enquanto criatura que procede a discriminações, uma quantidade de consciência diferente da que a vida rural extrai* (SIMMEL, 1976, p.12). Essa intelectualidade que o homem acaba desenvolvendo tem o objetivo de preservar o indivíduo e adaptá-lo às constantes mudanças características das metrópoles. Isso provoca um distanciamento psíquico, uma atitude de impessoalidade na relação com o outro, ao mesmo tempo em que existe uma maior aproximação corporal (SIMMEL, 1976).

A sociedade está permanentemente sendo construída e reconstruída pelas interações entre os indivíduos. Nem a sociedade, nem os indivíduos existem como tal, somente ganham existência na relação de um com o outro. É assim que Simmel desenvolve a ideia de que as interações entre os indivíduos ocorrem numa relação de sociabilidade. Uma das formas de sociabilidade, para o autor, seria a *conversa*. Mas, na conversa, o conteúdo não seria o mais importante e, sim, o contato que se estabelece e torna o vínculo possível. Por isso, autores como Frúgoli (2007), vão afirmar que, para Simmel, as diferentes formas de sociabilidade remetem à noção de ação recíproca, e, por conseguinte, a possibilidade de um maior ou menor vínculo social.

Robert Park torna mais concreto o conceito de sociabilidade na cidade moderna a partir de conceitos como convivência, socialização e associação. Seria nas situações em que ocorrem estes tipos de relações sociais que os indivíduos desenvolveriam a sociabilidade, marcada também pela noção de co-presença no espaço público. Park também vai propor uma releitura da noção de próximo e distante, tratando a proximidade como sendo física e a distância como social. Ele articula essa questão do próximo e distante quando trata em *A Cidade* do tema da mobilização do homem e sua crescente individualização, analisando como na cidade grande, não somente o transporte e a comunicação facilitaram a mobilidade do homem, mas também a segregação, uma vez que através dela se estabelece o que ele denomina de *distâncias morais* que transformam *a cidade num mosaico de pequenos mundos que se tocam, mas não se interpenetram* (PARK, 1976, p. 62). Essa segregação e a mobilidade, cada vez maior, possibilita ao indivíduo

passar rápida e facilmente de um meio moral a outro, e encoraja a experiência fascinante, mas perigosa, de viver ao mesmo tempo em vários mundos diferentes e contíguos, mas de outras formas amplamente separados. Tudo isso tende a dar à vida citadina um caráter superficial e adventício; tende a complicar as relações sociais e a produzir tipos individuais novos e divergentes (op.cit., p.62).

A cidade de Cloé onde *ninguém se cumprimenta, os olhares se cruzam por um segundo e depois se desviam, procuram outros olhares, não se fixam* (p. 51) remete à ideia desenvolvida por Simmel e que está relacionada, de alguma forma, com a impessoalidade, de que a metrópole é o lugar no qual se desenvolve uma atitude personificada no comportamento *blasé*. Um indivíduo entre o anonimato e a multiplicidade de papéis. O estado *blasé* representaria uma defesa desse indivíduo que acaba tornando-se reservado, insensível, indiferente. Entretanto, se por um lado a cidade é o lugar de tensionamentos e conflitos que levam o indivíduo a se defender psicologicamente, por outro, é também o lugar de construção da civilidade, através de

uma maior interação entre os indivíduos nos lugares públicos. Por isso, é no espaço urbano que se dá a possibilidade do desenvolvimento de sentimentos contraditórios pelo indivíduo. Assim como o indivíduo fica desnorteado, se protege e desenvolve uma atitude de reserva, também por um maior trabalho intelectual, esse mesmo indivíduo se torna mais sensível e desenvolve, inclusive, a capacidade de uma maior sociabilidade. Carlos Fortuna vai dizer que essa relação *é marcada por uma paradoxal íntima exterioridade, a partir da qual o indivíduo flâneur estabelece um vínculo tão egoísta como apaixonado com a multidão da grande cidade* (FORTUNA, 2011, p.383).

Nessa relação de proximidade e distância, o indivíduo vai construindo suas interações, inclusive com o espaço. Habituar-se às mudanças que ocorrem nos espaços físicos das cidades requer do indivíduo ao mesmo tempo uma atitude de “tolerância e reserva”, de proximidade e distância (FORTUNA, 2011). Esse jogo inconsciente transforma-se numa estratégia de vida, onde dimensões sociais e individuais estão permanentemente em tensionamento redefinindo, inclusive, a relação dos indivíduos com o espaço público e privado. Sennet (1998) vai afirmar, inclusive, que a velocidade das transformações em diferentes esferas da vida é responsável por um tipo de ansiedade, sentida no plano individual, mas que tem sua tradução na vida pública, e que muitas vezes desnorteia o indivíduo gerando o desenvolvimento de uma subjetividade, cada vez mais, pessoal.

A atitude de resguardo, de reserva, que as pessoas desenvolvem umas com as outras é necessária, inclusive, para que exista a sociabilidade, ou seja, quando há uma separação nítida entre dimensões da vida privada na esfera pública. Para que ocorra uma relação de sociabilidade é condição que as relações entre os indivíduos sejam impessoais, uma vez que é na esfera pública e não na privada e não a partir de questões privadas, que devem se estabelecer as relações sociais. A cidade grande transforma-se, então, *no locus desse tipo de contato para a vida social ativa, o fórum no qual se torna significativo unir-se a outras pessoas sem a compulsão de conhecê-las enquanto pessoas* (SENNET, 1998, p. 414).

Sennet está analisando o declínio do homem público em detrimento de um desenvolvimento cada vez maior em dimensões da vida privada. Segundo ele, estaria ocorrendo um deslocamento da subjetividade desse indivíduo, que concebia o processo de conhecer-se como uma forma de conhecer o mundo, para uma subjetividade cada vez mais narcisista, tendo a solidão como sua eterna companhia. Suas análises contribuem, assim, para pensar como as mudanças que estão ocorrendo na esfera privada, na intimidade, estão afetando as relações de sociabilidade. Da mesma forma, as mudanças que ocorrem nos

espaços concretos de sociabilidade afetam as interações entre os indivíduos e destes com o próprio lugar.

4. Observações finais

Num exercício de imaginação sociológica é possível relacionar os conceitos de Simmel de proximidade física e distância psíquica presentes nas relações de sociabilidade, com o desenvolvimento de uma atitude cada vez menos impessoal, menos reservada no espaço público, pensando na perspectiva apresentada por Sennet. Para isso é importante considerar que Simmel elabora suas percepções observando detalhes da experiência sensível dos indivíduos em lugares característicos e próximos como o café, a rua, os parques, as calçadas, o cinema ou, ainda, na relação com certos objetos, que faziam parte do mundo moderno da época, como os relógios, os guarda-chuvas, as máquinas de escrever. As relações analisadas por Simmel estão permeadas por atitudes e sentimentos característicos da passagem do sec. XIX para o sec. XX, como a indiferença, a reserva, a propensão ao conflito, a moda, o lazer. Hoje, como observa Scocuglia, aos lugares de Simmel deve-se acrescentar outros característicos das cidade no sec. XXI, como os shoppings, os pontos de ônibus, os espaços de encontro característicos dos jovens, físicos e virtuais, como a internet, os blogs. Os objetos também seriam outros, como os celulares, os ipods, os computadores etc. Na construção da subjetividade dos indivíduos também estão presentes sentimentos como o medo, a insegurança, a desconfiança, a desigualdade, a estigmatização. (SCOCUGLIA, 2011).

A vida nas metrópoles tornou-se, assim muito mais diversificada, as transformações potencialmente mais rápidas, as novas tecnologias se interpõem ou facilitam as relações entre os indivíduos, entretanto, a atualidade do pensamento de Simmel está justamente no que abre de possibilidades para pensar o que ele denominou de “o espírito das metrópoles”. Uma vez que sua ênfase é na experiência urbana, na vivência do urbano, possibilita extrair dimensões essenciais dos fenômenos muitas vezes considerados corriqueiros, casuais. É compreender como, citando uma vez mais a cidade de Cloé, *entre aqueles que por acaso procuram abrigo da chuva sob o pórtico, ou aglomeram-se sob uma tenda de bazar, ou param para ouvir a banda na praça, consumam-se encontros, seduções, abraços, orgias, sem que se troque uma palavra, sem que se toque um dedo, quase sem levantar os olhos* (CALVINO, 1998, p.52)

Referências bibliográficas

- BERMAN, Marshall 2007. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras.
- BRESCIANI, Maria Stella 2008. Cidade, cidadania e imaginário. In: SOUZA, Célia Ferraz de. PESAVENTO, Sandra Jatahy (Orgs.). *Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano*. 2.ed., Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- CALVINO, Ítalo 1990. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras.
- CERTAU, Michel 1994. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes.
- FRÚGOLI JÚNIOR, Heitor 2007. *Sociabilidade urbana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- FORTUNA, Carlos 2011. *Narrativas sobre a metrópole centenária: Simmel, Hessel e Seabrook*. Cadernos Metrôpoles. V. 13, n.26, jul/de
- GIDDENS, Anthony 1989. *A constituição da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes.
- HABERMAS, Jürgen 1984. *Mudança estrutural da Esfera Pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- LEFEBVRE, Henri 1999. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- LOBATO CORREA, Roberto 1999. *O espaço urbano*. São Paulo: Ática.
- PARK, Robert 1976. A Cidade. In: VELHO, Otávio Guilherme. *O fenômeno Urbano*. 3 ed., Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- ROLNIK, Raquel 1985. *O que é cidade*. São Paulo: Brasiliense.
- SCOCUGLIA, Jovanka Baracuhi 2011. *Cultura e urbanidade: da metrópole de Simmel à cidade fragmentada e desterritorializada*. Cadernos Metrôpoles. V. 13, n.26, jul/dez .
- SENNET, Richard 1998. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras.
- SIMMEL, Georg 1976. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme. *O fenômeno Urbano*. 3 ed., Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- SOUZA, Célia Ferraz de 2008. PESAVENTO, Sandra Jatahy (Orgs.). *Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano*. 2.ed., Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- WEBER, Max 1976. Conceito e categorias da cidade. In: VELHO, Otávio Guilherme. *O fenômeno Urbano*. 3 ed., Rio de Janeiro: Zahar Editores.